

ONDE ANDA O BOI JACÁ?

CONSTRUIR O LUGAR DA MEMÓRIA, REENCONTRAR O QUE NÃO DEIXA DE
EXISTIR

por amilton de azevedo¹

“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.”
(Eduardo Galeano, em *Dias e Noites de Amor e Guerra*)

Bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-de-reis, boi-de-mamão, boi-zumbi, boi-calemba, boi-Janeiro, ê boi: segundo afirma Câmara Cascudo em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, “o primeiro auto nacional na legitimidade temática e lírica e no poder assimilador, constante e poderoso” é o “único folguedo brasileiro em que a renovação temática dramatiza a curiosidade popular, atualizando-a”, de modo que os tantos nomes e os tantos modos de brincar o boi se espalham por todo o Brasil.

A Severina Cia. de Teatro, que desde a sua fundação “estima promover o diálogo acerca do fazer artístico no Vale do Paraíba”, inspirando suas pesquisas na cultura brincante e buscando “trabalhar com narrativas que dialoguem com suas próprias vivências e história”², volta o olhar para as memórias de sua cidade, Pindamonhangaba para perguntar: *Onde Anda o Boi Jacá?*

O boi jacá está presente em uma série de listagens onde se nomeiam as diversas formas do folguedo por todas as regiões do país, mas é difícil encontrar maiores

¹ amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

² Citações da publicação [Teatro de grupo em tempos de ressignificação: criações coletivas, sentidos e manifestações cênicas no estado de São Paulo](#)

informações em torno dele. É nesse sentido que o trabalho da Severina se orienta; conforme afirma o programa da peça, “*devido a ausência de registros documentais consistentes, essa pesquisa segue com um novo rumo: construir um belíssimo memorial sobre esta brincadeira popular que constitui parte importante do imaginário cultural e de nossa cidade*”. E reside precisamente na escolha de fazer de *Onde Anda o Boi Jacá?* uma obra que se organiza como o próprio processo de criação se deu um feliz acerto: o público acompanha, em um “*espetáculo andante de contação de histórias*” a busca da Severina na direção de reencontrar o que não deixa de existir, mesmo que habitando o lugar das lembranças de outrora.

Assim, *Onde Anda o Boi Jacá?* é um brincar-construir do boi, onde cada canto visitado traz uma parte do conto e do brinquedo. A Severina estabelece e mantém uma relação direta com o público, ensinando aos poucos estrofes cantadas e coreografias dançadas, fazendo do todo do cortejo um corpo brincante coletivo. Crianças de antigamente contam de quando arrancavam o rabo do boi e dos doces que ganhavam no dia de Cosme e Damião; o sambista do morro fala da amizade de Jacá e Zé Pereira; uma cesteira conta da brincadeira; e até mesmo o vaqueiro Francisco aparece, trazendo a história do(s) boi(s), da tradição às tantas reinvenções. Seguir os passos pregressos do Boi Jacá é também revisitar o que era a cidade de Pindamonhangaba e o que se fez dela; saudosismo e homenagem se misturam em uma bonita celebração que busca construir o lugar da memória, para onde se retorna, dando a ver que nada se perde enquanto pode ser lembrado.

Direção e dramaturgia, de Lilian Guerra, caminham juntas nessa acertada união entre andança, busca e encontro; as figuras evocadas transitam para além do tempo e alinham-se as histórias contadas e as ações que se compõem nessa encenação cortejo onde se monta o boi de brinquedo. Amparado em uma forma narrativa, *Onde Anda o Boi Jacá?* faz de si quase espelho do mito: aquilo que se esquece é como se estivesse morto; o gesto de Severina é buscar amparo nas sabedorias outras para fazer renascer em estações a brincadeira. O combate ao esquecimento é uma ferramenta de sobrevivência.

Nestes encontros da cultura popular, das festas, das manifestações artísticas e artesanais, a Severina acena para a importância – e também, de certo modo, para a

fragilidade – da história oral. Quando não há registros escritos, saberes residem nas pessoas e cabe aos que vieram depois escutar para mantê-los vivos. Assim, todas as andanças de *Onde Anda o Boi Jacá?* espiralam na direção de um retorno ao início; na conjunção dos tempos, nada some.

Habitando o lugar da memória, um reencontro com o que sempre esteve lá: juntam-se as partes do boi e ele é redivivo pela força dos achados colhidos no que se aprendeu pelo caminho. Há apenas uma parte dessa construção que não havia sido dada pelas andanças da Severina, o bonito tecido que cobre o jacá – a dramaturgia poderia, caso a pesquisa assim permitir, encontrar um meio de integrar mais uma estação para esse presente. Montar o boi, chamar o boi, “*juntando as peças do passado para um futuro inventar*”, diz o texto. Celebrar a vida do brinquedo. Brincar o boi.